

# A VISÃO DO ALUNO SURDO SOBRE A INCLUSÃO, EM ESCOLAS PÚBLICAS DE TERESINA – PI.

Karlene Gonçalves Alves<sup>1</sup>

Anne Caroline Dourado Soares<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados da pesquisa que tem como proposta, entender como se dá o processo de inclusão de alunos surdos, na sala de aula regular, e como objetivo geral analisar as dificuldades encontradas na inclusão de alunos surdos em sala de aula regular, a partir do entendimento do próprio surdo. Buscou-se embasamento em teóricos como Minayo (2007) Gil (2011) Franco (2014) Mantoan (2008) Witkoski (2012), dentre outros. Realizou-se também uma pesquisa empírica tendo como sujeitos 04 (quatro) alunos surdos, inseridos na escola regular que cursam do 7º ano, ao 3º ano do Ensino Médio, que apresentam surdez profunda. Após a coleta dos dados, estes, foram analisados e interpretados tendo presente a abordagem qualitativa e a análise de conteúdo. Para análise e interpretação dos dados adotamos a análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). Os resultados desses estudos nos fizeram perceber como se dá o processo de inclusão dos alunos em estudo na escola regular de uma sociedade cada vez mais injusta e desigual. Todavia, a pesquisa nos trouxe importantes reflexões e considerações sobre a motivação do que esses alunos recebem, assim como também a atenção as suas necessidades educacionais.

**PALAVRAS CHAVES:** Inclusão. Aluno surdo .Escola regular.

## ABSTRACT

This paper presents the results of the research that aims to understand the process of inclusion of deaf students in the regular classroom and, as a general objective, to analyze the difficulties encountered in the inclusion of deaf students in a regular classroom. From the understanding of the deaf. It was sought basis on theorists like Minayo (2007) Gil (2011) Franco (2014) Mantoan (2008) Witkoski (2012), among others. An empirical study was also carried out with subjects (04) who were deaf students, enrolled in the regular school from the 7th grade to the 3rd grade of the Secondary School, who presented profound deafness. After the data were collected, they were analyzed and interpreted taking into account the qualitative approach and content analysis. For analysis and interpretation of the data we adopted the content analysis proposed by Bardin (1977). The results of these studies made us realize how the process of inclusion of students in study in the regular school of an increasingly unjust and unequal society is realized. However, the research has brought us important reflections and considerations about the motivation of what these students receive, as well as the attention to their educational needs.

**KEYWORDS:** Inclusão. Aluno Surdo. Escola Regular

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de Pós Graduação em Atendimento Educacional Especializado – AEE

<sup>2</sup> Profª Orientadora do curso de Pós Graduação em Atendimento Educacional Especializado – AEE

## INTRODUÇÃO

Após históricas lutas de mobilização pelos seus direitos, os surdos conseguiram no Brasil, o reconhecimento da LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, funcionando assim como meio legal de expressão e comunicação das pessoas surdas. Afirma Witkoski (2012) [...] “Em função do movimento paralelo ao conhecimento da Língua de Sinais, a legislação prevê que os sujeitos surdos tem direito a uma educação bilíngue”.

Todo o contexto educacional contemporâneo necessita entender a importância de como o aluno surdo vê sua inclusão no ensino regular. A inclusão de um aluno surdo, e ou deficiente auditivo, no ensino regular, ainda tem muitas dificuldades e desafios a serem superados. Na prática, o que se vê é uma imensa falta de informação sobre a surdez e como se dá o comportamento de uma criança surda. Uma sala regular mista, com diversos tipos de deficiências poderá prejudicar o ensino bilíngue (a LIBRAS como primeira língua e a Língua Portuguesa, como segunda), acarretando ao aluno surdo um déficit na aprendizagem.

Incluir, significa oferecer educação de qualidade para todos. A escola precisa atender qualquer aluno que não se adequa no modelo ideal e oferecer ao mesmo, uma estrutura adequada, isto é essencial para criar uma escola inclusiva. Mas será que as escolas tem feito algo para mudar esse quadro?

Novaes (2010 p. 41) , afirma:

Percebe-se a luta dos surdos para terem escolas específicas para a comunidade surda, ‘porque acreditam que através de um ensino que atenda eficazmente suas necessidades linguísticas e culturais, eles poderão se integrar e estar em condições de igualdade com os ouvintes’. O que refletirá, por exemplo na conquista de cargos públicos

É notória, a luta que os surdos passaram e ainda passam, em busca de um ensino inclusivo e eficaz. A educação de alunos surdos é um assunto gritante, principalmente pelas dificuldades existente em relação as suas limitações. Na teoria, as propostas educacionais direcionadas para o sujeito surdo têm como objetivo proporcionar o desenvolvimento pleno de suas capacidades; contudo, não é isso que se observa na prática. Distintas práticas pedagógicas envolvendo os sujeitos surdos apresentam uma série de limitações, e esses sujeitos, ao final do ensino regular, não são capazes de ler e escrever satisfatoriamente ou ter um domínio adequado dos conteúdos acadêmicos, em relação aos demais alunos ouvintes.

Esses problemas têm sido abordados por uma série de autores que, preocupados com a realidade escolar do surdo no Brasil, procuram identificar tais problemas e apontar caminhos possíveis para a prática pedagógica.

Desde pequena, a criança ouvinte tem a oportunidade de conviver com a língua utilizada por sua família. O autor ainda afirma :

A maioria das crianças surdas portanto de 95% a 96%, não tem a mesma possibilidade que as que são filhas de surdos. Elas crescem e se desenvolvem dentro de uma família formada em sua totalidade por ouvintes, que geralmente desconhecem ou rejeitam o uso da língua de sinais.(NOVAES, 2010 p.48)

Ou seja ela irá reproduzir a língua natural dos pais. O interlocutor adulto colabora para que a linguagem da criança flua, oportunizando atitudes discursivas que favoreçam a aprendizagem e a identificação de aspectos importantes da língua na qual ela está sendo imersa, e que irá se apropriar ao longo de seu desenvolvimento. Já as crianças surdas, em geral, não têm a possibilidade desse aprendizado/reprodução/apropriação, já que na maioria das vezes não têm acesso à língua utilizada por seus pais (ouvintes). Tais crianças permanecem no ambiente familiar apreendendo coisas do mundo e da linguagem de forma fragmentada e incompleta justamente por sua dificuldade de acesso à língua a qual esta sendo exposta. (NOVAES, 2010. p.49)

A ‘inclusão’ de sujeitos surdos nas escolas, tendo-se a língua portuguesa como principal forma de comunicação, faz-nos questionar se realmente a inclusão significa integrar o surdo. Na verdade, o termo correto para as experiências desenvolvidas não é propriamente uma inclusão, muitas vezes mostra uma ‘*adequação*’ com as situações cotidianas dentro da escola. No caso de escolas regulares, é necessário que haja profissionais qualificados em língua de sinais, , para recebê-los e auxiliá-los no processo ensino-aprendizagem, todavia o quadro apresentado está distante de uma inclusão de verdade.

Diante da problemática apresentada, entende-se a necessidade de desenvolver uma pesquisa juntos a alunos surdos, com isso alguns questionamentos nortearam esse estudo como por exemplo: Qual a concepção que o aluno surdo (com surdez severa ou profunda) tem a respeito da inclusão? Qual o conceito de inclusão? Que sentimentos são comumente vivenciados pelos alunos surdos a cerca da inclusão? Quais as principais dificuldades? Essas dificuldades, são parcialmente atendidas?

A partir desses questionamentos, esse estudo tem como objetivo geral: analisar as dificuldades encontradas na inclusão de alunos surdos em sala de aula regular, a partir do entendimento do próprio surdo e por objetivos específicos: Conhecer o surdo discente de escolas regulares; Identificar as limitações do aluno surdo em escola regular; Descrever a compreensão que o aluno surdo tem de inclusão.

## **INCLUSÃO DO ALUNO SURDO**

A inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais na sala de aula comum é um desafio para o sistema de ensino. A chegada desses alunos produz impasses no cotidiano escolar. Pois, como afirma Aguiar (2010),

É preciso repensar as práticas pedagógicas, adequações físicas e formação dos professores. Para que a inclusão aconteça de fato, é fundamental que a escola tenha condições e que gestores professores e comunidade escolar estejam atentos a todos esses aspectos que são fundamentais no processo inclusivo. (AGUIAR, 2010, p. 45)

Ou seja, as metodologias e práticas, hoje aplicadas em salas de aulas devem ser repensadas, uma vez que, deve atender em igualdade todo o alunado, os ditos normais, como os caracterizados de deficientes.

Hoje, os conceitos de deficiente auditivo, portadores de surdez e surdo-mudo já foram finalizados, uma vez que os próprios surdos se aceitam como surdos e não se consideram deficientes, pois são capazes de executar atividades dos ditos normais, e na maioria dos casos, a surdez não influi nas suas cordas vocais, ficando totalmente descartada a ideia e caracterização de ‘mudo’. Tendo em vista, alguns aspectos educacionais do aluno surdo. Há muitas divergências relacionadas a sua inclusão na sala regular. Para isso, a principal justificativa é que a escola não está preparada para receber esse aluno, isso se dá ao fato, a falta de capacitação do professor em relação a Língua Brasileira de Sinais ( LIBRAS). Outra justificativa é que a própria instituição não dispõe de recursos que possibilitem ao aluno surdo, uma absorção do que esta sendo explanado na sala de aula.

Vale lembrar, que, na Constituição Federal, preconiza no seu Art. 205 que ‘a educação é direito de todos, e dever do estado e da família, será promovida com o incentivo e ajuda da sociedade esperando um bom desempenho da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Dessa forma, a escolarização é para todos e deve-se dar na classe comum da escola regular. Como afirma Botelho (1998, p.1) Quando diz que ‘ a inclusão escolar dos surdos em escolas para alunos ouvintes, tem a premissa de que é necessário reproduzir para o surdo as mesmas condições em que o ouvinte adquire a língua de sinais ’

Ou seja, agindo com igualdade para com todos os alunos, pois se o aluno surdo é inserido em uma escola regular, ele tem direito por lei, de ter acesso ao que esta sendo ensinado para os alunos ouvintes. Para isso, temos acesso a Lei 10.436/02 (BRASIL, 2002) que assegura a Libras como língua oficial e que deve ser adotadas pelas escolas, sendo reconhecida como língua oficial da comunidade surda. É valido afirmar que através da oficialização da Libras foi que a comunidade surda brasileira deu um largo passo na sociedade ouvinte, a lei também os assegurou o livre acesso ao uso de sua língua materna, que outrora era denominado como língua de ‘doido’.

Haja vista que a maioria dos surdos não se vê como deficiente, entende que sua condição enquanto surdo, é uma limitação que o impede que se comunique da mesma forma que os ouvintes. O surdo é ciente de que se a ele for designada condições necessárias, pode viver plenamente e realizar todas as ações que são concluídas, por aqueles que não possuem sua limitação.

Com a inclusão da Lei nº 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases Nacionais da Educação garantiu que o acesso e permanência as pessoas com necessidades educacionais especiais acontecessem preferencialmente nas redes do ensino regular, assim tornou-se necessário um novo olhar em prol da Educação Inclusiva, uma vez que essa lei em vigor garante que todas as crianças sejam matriculadas na Educação Básica, porém as escolas em sua grande maioria não estão adequadas para receber esses educandos, o ensino oferecido não satisfaz as necessidades desses alunos. (SOUSA, 1996,p.24)

A Educação Básica e Educação devem andar juntas, mas é notável um atraso que diz respeito a educação inclusiva. Porém a cerca de criações de leis que atendam aos portadores de necessidades especiais educacionais, vemos que foi criado posteriormente a Lei nº 10.436/02, essa legislação dispôs sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, definindo-a como a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (art. 1º) (BRASIL, 2002) Já o decreto nº 5.626 de 22/12/2005, regulamentou a lei citada anteriormente, e ficou

popularmente conhecida como a ‘Lei de Libras’. Em seu capítulo VI, trata sobre ‘A garantia do direito a Educação das Pessoas Surdas ou com deficiência auditiva’. (BRASIL, 2005 )

Determina o artigo 22 que:

I – escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental; II – escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras – Língua Portuguesa.

Vemos que assim, as instituições responsáveis por uma educação básica devem por lei, garantir a inclusão de alunos surdos, assegurando que os mesmos sejam instruídos em língua de Sinais Brasileira como primeira Língua (L1) enquanto que a segunda (L2), seja o português em sua modalidade escrita e oral.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Esta pesquisa teve uma abordagem qualitativa, para tal nos baseamos em Minayo (2007, p. 21) quando diz que [...] “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, responde a questões muito particulares, ou seja, trabalha com os significados, dos motivos atitudes e valores, e esse conjunto de fenômenos humanos é entendido como parte da realidade social, pois o ser humano se diferencia não só por agir, mas também pensa sobre o que faz e interpreta suas ações dentro e a partir de uma realidade vivida, individualmente e com a sociedade.

Neste tipo de pesquisa, é constante que o pesquisador identifique e analise em profundidade, dados de difícil mensuração de um determinado grupo de indivíduos em relação a um problema específico. Neste sentido buscar-se-á dados objetivos e descritivos: As próprias palavras do sujeitos envolvidos, para uma análise e identificações das causas a cerca da inclusão do aluno surdo no ensino regular. Dessa forma, iniciou-se a pesquisa descritiva

que de acordo com Gil (2011, p. 28) diz que [...] “ Tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno. Ou seja, ela tem por finalidade observar, registrar e analisar os fenômenos sem, entretanto, entrar no mérito de seu conteúdo, nesta pesquisa não há interferência do investigador, que apenas procura perceber, com o necessário cuidado, a frequência com que o fenômeno acontece.

Realizou-se uma pesquisa empírica, que consiste na coleta de dados a partir de fontes diretas (pessoas) que conhecem, vivenciaram ou tem conhecimento sobre o tema, fato ou situação e que, podem causar diferenciação na abordagem e entendimento dos mesmos, conduzindo a uma mudança, acréscimo ou alteração profunda, relevante que não distorça, agrida ou altere o conteúdo principal mas sim que o enriqueça e transforme em conhecimento de fácil compreensão.

### **3.1 Lócus da pesquisa**

É de grande importância informar que os sujeitos desta pesquisa foi composta por 4 alunos surdos, sendo tres do sexo masculino, e um do sexo feminino, com idades entre 15 e 19 anos, que estudam em escolas da rede publica de Teresina – Piauí.

### **3.2 Instrumentos Utilizados**

Pesquisa qualitativa, realizada em forma de entrevista semi-estruturada, pois esta ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação. (TRIVIÑOS , 2008)

### **3.3 Espaço da Pesquisa**

A pesquisa foi realizada em escolas da rede publica de ensino, situadas na Zona Urbana de Teresina, e os sujeitos da mesma serão identificados como A1, A2, A3 e A4.

### **3.4 Procedimentos**

Logo após a coleta de dados, esses foram analisados e interpretados, tendo presente a abordagem qualitativa e análise de conteúdos, que segundo Bardim (1997) é, selecionar uma amostra do material de análise, que trata dos critérios adotados para a seleção da amostra.

#### **4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Neste capítulo foram analisados, e posteriormente apresentados, os resultados obtidos por meio da coleta dos dados. As informações foram coletadas através de entrevista semi-estruturada.

A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais na sala de aula comum, é um desafio para o sistema de ensino. Com a chegada desses alunos, surgem impasses no dia a dia escolar.

Para que um aluno surdo se sinta incluído na sala de aula, além da presença de um interprete, é preciso também que haja uma conscientização da direção da instituição. Seguindo Aguiar (2010), incluir vai além do que simplesmente possibilitar a socialização do aluno com a turma.

O autor ainda diz que:

A cada matricula de um novo aluno com deficiencia,faz-se necessário um planejamento, visando a adequar cada situação, o que passa por conteúdo, metodologia, recurso didático, avaliação, até o momento de socialização, deste com os demais integrantes da escola (AGUIAR, 2010, p.144)

Porém, o que se tem feito para um bom resultado da inclusão? Foi possível obter a seguinte resposta de um dos entrevistados a cerca da inclusão:

*Aqui na escola, é muito pouco a comunicação. Não tem inclusão, eu olho pro professor mas não entendo nada. (A2)*

Ou seja, para que a inclusão aconteça de fato, é fundamental que a escola tenha condições, e que os professores, e comunidade escolar, estejam atentos a todos esses aspectos fundamentais no processo inclusivo. Dessa forma, é possível perceber que a exclusão escolar, manifesta-se das mais diversas e perversas maneiras ( MANTOAN, 2008).

Os surdos, diferentemente de outros segmentos, tem a necessidade de agrupar-se, para formar comunidades por meio das quais possam construir uma ‘comunidade de experiências’.

Como podemos perceber nesta fala:

*A interação é importante, antes eu me excluía, porque sou surdo, mas hoje a inclusão esta normal, eu me sinto normal com demais colegas. (A4)*

Conforme afirma Fernandes (2011) , Agrupamento organizado de todas aquelas pessoas (ou parte delas) que tem uma diferença específica relacionada com a formação da identidade social e a sua integração se dá por meio dessa diferença.

Sobre o processo de incluir os surdos, em escolas regulares, é preciso ressaltar que o processo de inclusão denunciam desastrosos resultados, estes que por sua vez, acarretam especialmente para a formação intelectual desses sujeitos. De acordo com as falas de alguns entrevistados, quanto indagados a cerca do processo de inclusão:

*Na minha escola tem inclusão porque percebo que a interprete se preocupa comigo, se eu estou ou não entendo a aula. (A1)*

*Hoje eu percebo inclusão porque o surdo lutou muito até conseguir o interprete. (A3)*

Quando indagado a cerca de suas limitações enquanto aluno surdo da escola regular :

*A interprete interpreta tudo o que o professor diz. Quando tenho duvida ela anota, pergunta para ele, depois vem me trazer as respostas. (A2)*

Quadros (2006) afirma que os professores do ensino regular tendem a transferir a responsabilidade novamente, apenas nos interpretes ou nos professores de AEE – Atendimento Educacional Especial Especializado, mas que só se faz presente no ensino fundamental menor, e os alunos entrevistados são do Ensino Fundamental Maior e Ensino Médio. A relação que há entre esses três sujeitos não se completa, ficando apenas dois sujeitos envolvidos, que é o interprete e o aluno surdo, com isto temos uma ‘exclusão’ do aluno em estudo, com os demais, professores e funcionários da escola.

Como vimos nesta fala:

*Boa, minha relação com os alunos ouvintes da escola é boa, antigamente eles não sabiam nada de libras, hoje no 3º ano já está melhor, conseguimos nos comunicar o básico (A4)*

Concluimos que as relações entre professor e aluno devem possibilitar o crescimento do aluno, o desenvolvimento de suas habilidades e o reconhecimento da sua importância como componente da sociedade.

A relação entre aluno surdo, e demais alunos sofre um alto déficit, pois a comunicação se dá em níveis baixos. Uma vez que o professor ministra suas aulas normalmente aos alunos, o interprete reproduz a fala do professor ao aluno surdo, o aluno surdo não se comunica como deveria com os alunos ouvintes.

Como afirma A1:

*Minha escola tem muito aluno surdo, a gente se encontra no recreio, e eu falo com eles. (A1)*

*Na minha escola é legal a comunicação, na verdade há uma troca, eu ensino um pouco de libras para eles, e eles me passam um pouco de portugues, eu gosto disso. (A3)*

Observemos esta fala:

*Eu me encontro uma vez por semana com meus colegas ouvintes, hoje a gente já se comunica bem melhor (A4)*

Como afirmou o A4, podemos perceber o quão grande é a ausência de métodos e alternativas para a inclusão de fato de alunos surdos no ambiente escolar, pois o uso da libras na maioria das vezes se resume apenas ao surdo e ao interprete. No caso, esse aluno teve a iniciativa de formar grupos para estudo da libras, assim ele passou a se sentir incluso no mundo dos ouvintes e vice-versa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluimos que a inclusão do aluno surdo no ensino regular, vem caminhando a passos satisfatórios, porém ainda é preciso que atitudes ainda sejam tomadas, e condições educacionais melhoradas aos alunos com surdez, pois espera-se um futuro, que faça com que a inclusão destes de fato aconteça, não mantendo o contato apenas com o interprete, mas relacionando-se com toda a escola.

Para isso, faz-se necessário que aqueles que trabalham diretamente com essa formação, os professores diretores, estejam aptos para atender às necessidades deste público. Essa participação beneficiará a construção de uma escola inclusiva.

As mudanças necessárias para que a inclusão ocorra não são simples nem fáceis, mas é preciso que haja interesse pessoal e coletivo para mudar o rumo e seguir para o processo de inclusão e integração de fato. Muitas vezes a inclusão escolar tem sido mal interpretada, pois para garantir melhores condições na educação, é necessário nos capacitarmos a cada dia, devemos proporcionar a nossos alunos melhores condições de ensino sem discriminações na educação.

Considera-se por conseguinte que para o aluno surdo, a educação inclusiva no ensino regular é o maior exercício de direito e cidadania que ela pode desempenhar, sendo papel da escola e da sociedade oferecer tal ensino de forma a oferecer maior amparo aqueles que para a aquisição e desenvolvimento das diversas potencialidades desta necessitem.

A proposta de inclusão escrita nos documentos é muito importante, e tem que sair do papel. No entanto, a inclusão dos alunos surdos se apresenta como um fato novo para a maioria dos professores e profissionais ligados à educação. Neste sentido, o Governo, através do ministério da educação, tem que possibilitar condições favoráveis ao processo de inclusão. Nesta perspectiva, as escolas devem ser reestruturadas para que os professores tenham condições de se capacitarem para atender todos os alunos de modo igualitário. Neste sentido, os professores devem estar abertos a compreender as diferenças educacionais dos alunos surdos e ouvintes, para que possam auxiliá-los através do desenvolvimento de estratégias pedagógicas que atendam essas diferenças.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, L. G. Desafios do coordenador pedagógico no processo de inclusão de alunos com deficiência no ensino regular. In: **O coordenador pedagógico e o atendimento á diversidade**. São Paulo: Editora Loyola. 2010.

BARDIN. L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora Edições 70, 1977.

BOTELHO, Paula. **Educação Inclusiva para surdos**: desmitificando pressupostos. Disponível em: <http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/anaispdf/educsurdos.pdf>. br. Acesso em Maio, 2015

BRASIL. **Lei n.º 10.436, de 24 de Abril de 2002**. Dispõe sobre a língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providencias. Brasília: Paulo Renato Souza, 2002.

BRASIL. **Decreto n.º 5.625, de 22 de Dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de Abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, Brasília, Fernando Haddad, 2005.

FERNANDES. S. & MOREIRA. L.C. (2015). Desdobramentos políticos-pedagógicos do Bilinguismo para surdos: Reflexões e encaminhamentos. **Revista de Educação Especial**, 22 (34) , 2255-236.

FERREIRA, A.B. de H. **Novo Aurélio**: O dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FRANCO, Telma. **Bullying contra surdos**: a manifestação silenciosa da resiliência. Telma Franco. Curitiba: Appris, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

\_\_\_\_\_. **A inclusão escolar de alunos surdos**: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência., Campinas, SP, v. 26, n. 69, p. 163-184, aio/ago.2006. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n69/a04v2669.pdf> . Acesso em:10 mar. 2015.

MANTOAN, M. T. T. Ensinando a Turma toda: as diferenças na escola. In: \_\_\_\_\_. **O Desafio das Diferenças na escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

MINAYO, M. C. (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 25. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NOVAES, Edmarcius Carvalho. **Surdos**: educação, direito e cidadania. Rio de Janeiro: Walk., 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008.

WITKOSKI, Silvia Andreis. **Educação de Surdos, pelos próprios surdos**: uma Questão de Direitos. 1.ed. Curitiba, PR: CRV, 2012

## **APENDICE**

**APENDICE A****ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ALUNOS SURDOS, DO 7º ANO ENSINO  
FUNDAMENTAL, AO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO**

- 1) O que você entende sobre inclusão?
- 2) Como você percebe o processo de inclusão ?
- 3) Como você se sente como aluno da escola?
- 4) Em relação aos outros alunos, como se dá a comunicação?
- 5) Conta com a ajuda de interprete? Se sim, a ajuda é suficiente?